



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](#)

Cícero e o tratamento do corpo: uma análise das Discussões Tusculanas

Cicero and the treatment of the body: an analysis of the Tuscan Discussions

Matheus Roberto Breda Teixeira

Orcid: 0000-0002-7903-7601

História da Educação, Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá, Brasil, Email:
mrbreda.teixeira@gmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2024v7n1ID36991

Citation: Teixeira, M. R. B. (2024). Cícero e o tratamento do corpo: uma análise das Discussões Tusculanas. *History of Education in Latin America - HistELA*, 7(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/36991>

Competing interests: The author has declared that no competing interests exist.

Editor: Olivia Morais de Medeiros Neta

Received: 16/07/2024

Approved: 22/12/2024

OOPEN ACCESS

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a proposta de tratamento dado ao corpo presente na obra Discussões Tusculanas de Marco Túlio Cícero. Nessa obra, o autor organiza diversos elementos da cultura ocidental, a fim de apresentar uma sabedoria genuinamente latina, diferenciando-a dos gregos. Cícero direciona seus escritos aos acadêmicos Romanos, esse período também enfatiza Roma e seu papel como transmissora da cultura grega. Ademais, são feitas menções a respeito da morte, do mal e da dor, e as perturbações que o homem encontra ao viver e se relacionar, além de considerar que essas circunstâncias não são capazes de abalar o sábio. Para a análise da obra que, em certo sentido, apresenta os tratamentos concebidos ao corpo do homem naquela época foi utilizada a história social. Nesse sentido, o ponto de partida foi o contexto no qual Marco Túlio Cícero esteve inserido, depois se abordou a respeito do tratamento do corpo tendo em vista o desenvolvimento da filosofia, ao analisar as Discussões Tusculanas, especialmente, o livro IV. Desse modo, comprehende-se sobre o momento de transformações sociais na qual o Ocidente estava passando. Além disso, Cícero apresenta a ideia de que é preciso se preocupar tanto com o corpo quanto com o espírito para que essa formação do homem o faça superar as perturbações e enfermidades (do espírito e do corpo) que os acometem, e, assim, viver da melhor maneira possível.

Palavras-chave: Corpo; Educação; História do Corpo; Antiguidade.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the proposed treatment of the body in the work Tuscan Discussions by Marcus Tullius Cicero. In this work, the author organizes various elements of Western culture in order to present a genuinely Latin wisdom, differentiating it from the Greeks. Cicero directs his writings to Roman scholars, and this period also emphasizes Rome and its role as a transmitter of Greek culture. In addition, there are mentions of death, evil and pain, and the disturbances that man encounters when living and relating, as well as considering that these circumstances are not capable of shaking the wise man. Social history was used to analyze the work, which, in a way, presents the treatment of man's body at the time. In this sense, the starting point was the context in which Marcus Tullius Cicero was inserted, and then the treatment of the body in view of the development of philosophy, when analyzing the Tuscan Discussions, especially book IV. In this way, we understand the moment of social transformation that the West was going through. In addition, Cicero presents the idea that it is necessary to be concerned with both the body and the spirit so that this formation of man can help him overcome the disturbances and illnesses (of the spirit and the body) that affect them, and thus live in the best possible way.

Keywords: Body; Education; History of the Body; Antiquity.

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar a proposta de tratamento dado ao corpo presente na obra Discussões Tusculanas produzida por Marco Túlio Cícero por volta do século I a.C. A hipótese que se constrói é que ao apontar reflexões a respeito do desenvolvimento da sabedoria e também da filosofia latina, Cícero apresenta orientações relacionadas ao corpo. Para mais, Cícero organiza elementos da cultura ocidental, a fim de apresentar uma sabedoria genuinamente latina, diferenciando-se especialmente dos gregos.

Considerado figura essencial na história do Ocidente, especialmente, também, por se tratar de um grande divulgador da cultura grega (Reale; Antiseri, 1990), o autor latino direciona seus escritos aos acadêmicos Romanos, ao passo que esse período enfatiza Roma e seu o papel como transmissora da cultura grega. Ademais, são feitas menções a respeito da morte, do mal e da dor, e as perturbações que o homem encontra ao viver e se relacionar, além de considerar que essas circunstâncias não são capazes de abalar o sábio.

Para análise das *Discussões Tusculanas*, compreendida como uma produção filosófica em forma de diálogo/debate utilizou-se a história social. A fonte de estudos primária é a obra – *Discussões Tusculanas* – de Cícero. No entanto, outras obras do autor também poderão auxiliar na produção das reflexões. Assim, no aproximamos das palavras de Marc Bloch, que em certo sentido relata aspectos importantes no estudo da história:

Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo do seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras. O provérbio árabe disse antes de nós: “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais.” Por não ter meditado essa sabedoria oriental, o estudo do passado às vezes caiu em descrédito.”. (Bloch, 2001, p. 60).

Portanto, no estudo da história, é preciso se encarregar, especialmente, de analisar o tempo na qual os autores e as obras estavam inseridos. Desse modo, a busca reside em analisar o passado em busca de compreender o presente, com a possibilidade de entender os fatos do passado da melhor maneira possível. Além disso, é importante ressaltar que a reflexão a respeito dos acontecimentos históricos deve ser pensada em comunhão com os possíveis diálogos entre as áreas do conhecimento; de modo que todas as esferas de atividade humana possam ser consideradas, e nenhum setor da vida social pode ser entendido isoladamente dos outros (Burke, 2002).

Nesse sentido, a história poderá trazer exemplos que contribuam para o entendimento do momento atual. Por acreditar na possibilidade de a história contribuir para o desenvolvimento da humanidade é que considero relevante abordar o estudo desta obra.

Assim, o presente estudo está dividido em três seções. A primeira, *Cícero, Roma e o Breve Cenário*, aborda questões gerais acerca de Roma Antiga no período em que Cícero estava inserido, com a finalidade de compreender o autor em seu tempo. Enquanto que a segunda, denominada *A Enfermidade e o Remédio*, permite compreender a maneira como Cícero pensava o corpo. Por fim, a última seção, *O Tratamento Dado ao Corpo*, fornece subsídios para entender a proposta de educação do corpo apresentada por Marco Túlio Cícero.

Cícero, Roma e o Breve Cenário

Durante o I a.C., Roma se encontrava no fim do período republicano, ou também conhecido como República Romana (509 - 27 a.C.). Nesse momento, Roma era administrada e governada por membros do senado e também do magistrado. Termos, como por exemplo, cônsul, pretor, sensor e questor eram comuns no cotidiano dos romanos deste período e faziam parte das instituições da república romana. Ademais, a civilização de Roma operava por meio do modo de produção escravista, com a população dividida em patrícios, plebeus, clientes e escravos. Perry Anderson (2016, p.71) analisa que “o influxo de trabalho escravo era tamanho que, no final da República, ele não apenas havia remodelado a agricultura italiana, mas também invadido todo comércio e indústria: cerca de 90% dos artesãos em Roma tinha origem escrava.”.

Em certo sentido, aos poucos Roma perdeu seu caráter agrícola e pastoril para tornar-se uma *pólis* devotada à especulação financeira (Ribeiro, 1977), essa remodelagem da agricultura, algo tão característico e marcante para os Romanos, seja por meio do modo de produção escravista, ou pelo interesse no comércio emergente advindo do contato com novos povos devido às novas conquistas, permite compreender que Roma estava em um processo de transformação social.

Ademais, no âmbito da aristocracia romana, também ocorreram outras transformações administrativas e políticas: membros do Senado por vezes deixavam transparecer que seu desejo particular era mais importante que o coletivo, que tornaram os tempos de Cícero marcados por inúmeras crises sociais, políticas e também econômicas, assim, ininterruptas guerras civis constituem a textura, cujo termo será determinado pela vitória definitiva de Otávio (Ribeiro, 1977).

Nessa perspectiva, ao analisar alguns aspectos históricos presentes na passagem da República ao Império, Pierre Grimal enfatiza que muitas perturbações agitam Roma entre II - I a.C., mais especificamente, destaca guerras de cunho social e também civil:

Lutas multiformes, fecundas em peripécias, mas a aposta é um só, seja qual for a personalidade dos protagonistas. Trata-se de saber em benefício de quem, de que grupo social, de que homem será explorado o imenso domínio de que a cidade se dotou. Roma atravessa então durante três quartos de século uma crise de crescimento: a cidade oligárquica já abalada pela crise social transformar-se agora em império. Para tal, as instituições devem flexibilizar-se, ou mesmo transformar-se radicalmente, o que gera, como é fácil de imaginar, tumultos graves e variados." (Grimal, 2009, p.48).

A partir deste trecho, comprehende-se que a expansão da cidade de Roma também pode ser considerada um agravante nas diversas problemáticas desse tempo. Com efeito, a conquista de novas terras criaria para a República graves dificuldades com a transformação da antiga Cidade-Estado em verdadeiro estado mundial (Ribeiro, 1977). Conforme se expandia, grupos sociais colidiram cada um buscando alcançar suas expectativas e interesses particulares, alguns em busca do desenvolvimento comercial, outros direcionados para a exploração da terra e quando os interesses divergiam, conflitos eram inevitáveis.

De maneira geral, as instituições vigentes, em especial as políticas, como por exemplo, o Senado, que desde o início do período republicano representa o poder essencial em Roma, encontra-se, neste momento, à mercê de transformações e mudanças causadas pela expansão e pelos conflitos entre povos, a República romana, do ponto de vista das instituições, ruía (Medeiros, 2019). Assim, se analisa que o Senado não era mais capaz de sustentar e organizar as províncias; com o avanço da expansão e o contato com outros povos, dificilmente era possível promover um controle efetivo sobre a violência social ou ainda transparecer segurança aos romanos, o velho mundo está a se desfazer aos poucos por toda parte e as instituições tradicionais já não podem suportar (Grimal, 2009).

A partir do exposto acima, se considera, então, que a República Romana era constituída por um sistema complexo, que tinha seus pilares baseados na premissa de uma comunidade de interesses particulares e coletivos, na qual, teoricamente, deveria primar-se por preservar os interesses coletivos em detrimento dos interesses particulares (Lima, 2010). Porém, por vezes essa situação não se realizava e os interesses particulares afloraram, sustentando crises e conflitos. Assim, comprehende-se que Cícero viveu em um tempo de violência; conflitos pessoais eram comuns, encomendas de assassinatos contra agitadores eram possíveis, e a turbulência das massas era constante. De maneira geral, os conflitos foram ocasionados pela expansão do território romano e com a concentração de terras nas mãos de poucos aristocratas, e, esses conflitos não se resolviam de forma pacífica. Ademais, os governadores romanos, bem como os homens de seu tempo, cometiam graves

excessos em prol de vantagens particulares, relacionados ao desenvolvimento da moral humana.

Nessa perspectiva, Cícero propõe o desenvolvimento da filosofia latina, ao que também se preocupa em imbuir à civilização romana antiga de um determinado conjunto de aspectos morais, com a prerrogativa de desvendar os problemas do seu tempo e demonstra situações relacionadas ao corpo, suas projeções, comportamentos e a maneira como esses aspectos interferem na produção e na utilização da sabedoria para a felicidade do homem. É nesse sentido que será possível analisar questões relacionadas ao corpo, pois Cícero, com sua intuição aguda sobre problemas particulares, especialmente sobre as questões morais (Reale e Antiseri, 1990), tece reflexões sobre o corpo do homem, que durante o I a.C. vive mal e prejudica o convívio social.

A Enfermidade e o Remédio

Marco Túlio Cícero não estava sozinho em produzir reflexões centradas, sobretudo, nos problemas que se impunham na vida de todos os homens. Outros filósofos greco-romanos também se empenharam e ainda propuseram algumas soluções para este cenário (Reale e Antiseri, 1990). É possível que Cícero, uma espécie de ‘conservador’, que se empenhava em buscar a recuperação da *res publica* romana (Medeiros, 2019), ao entrar em contato com a civilização vigente, percebia muitos problemas. Para o estudo do corpo, nesta pesquisa, a reflexão será centrada nos problemas de cunho moral.

Nesse sentido, ao direcionar reflexões ao estudo do corpo, a primeira análise a ser destacada reside na posição em que o corpo se encontrava durante o I a.C: havia uma espécie de privilégio dado ao corpo, sobretudo em detrimento da filosofia; Cícero ao aludir à figura do lendário *Brutus*, ressalta que questões relacionadas a alma/espírito foram pouco desejadas pelos romanos, e ainda que esse baixo interesse se aplicava muito por causa do ‘divino’ corpo (cf. III, I, 1 *Disc. Tusc.*). Dessa forma, considera-se que enquanto em Roma a carreira política se processava pelas armas, Cícero tentava realizá-la encarnando ideias civilistas (Ribeiro, 1977). Esse aspecto estreita laços com a educação do corpo e permite analisar que não era necessário o uso de um corpo forte/força, violência ou até mesmo armas para a manutenção do poder e da ordem em Roma, era preciso colocar em prática o direito e civilizar o homem, no sentido de educar o corpo para ser disciplinado e assim tornar-se civil.

Para mais, Cícero comprehende que o homem é formado por corpo e alma/espírito e que ambas as partes precisam estar em consonância para que o homem viva da melhor maneira possível. Um dos problemas apresentados por Cícero reside na relação desalinhada entre alma e corpo; aquilo que o homem sente e/ou deseja pode afetar de maneira prejudicial sua alma. Em certo sentido, é possível que a alma seja considerada como a raiz de toda perfeição, mas que ao mesmo tempo demonstra fragilidade por deter a capacidade de ser afetada pelo corpo (Melo, 2015). Ressalta-se ainda que no I a.C., os termos alma, espírito, corpo, paixões, vícios e desejos fazem parte do vocabulário comum e da vida cotidiana do homem romano nesse momento; essas particularidades presentes no homem se relacionam e tencionam sua existência, ocasionando problemas que exigem soluções, especialmente por parte dos filósofos.

Assim, Cícero aborda questões relacionadas ao corpo e seus direcionamentos são voltados, em especial, na busca de um autodomínio do homem sobre si. A princípio, o que está posto na ordem do dia é que a procura pelo autodomínio sobre si, indica que ele ainda não existe, ou, se existir no momento se encontra em baixa, sufocado

pelas crises e pelo descontrole. Por isso, há uma proposta educacional para o corpo, no sentido de discipliná-lo.

Nesse momento, duas situações são relevantes para empreender um sobre o corpo: o modo como Cícero concebeu a paixão enquanto doença da alma (Chauí, 2010) e a busca na filosofia como uma espécie de consolo e segurança (Kenny, 1998). Desse modo, o cenário de crise em Roma, gera no homem do século I a.C. uma doença/enfermidade que precisa ser tratada caso o homem queira viver da melhor maneira possível. Portanto, para Cícero, se há um problema também há uma solução, ou melhor, um remédio.

No entanto, por mais que esse enfermo atinja diretamente o corpo, a cultura clássica se destaca por não promover um estabelecimento de regras de conduta morais para o corpo; o argumento principal reside no desenvolvimento da razão/sabedoria. Nesse sentido, o corpo não deve ser enquadrado moralmente, sobretudo porque sua mortalidade é indiscutível; ele perece, se deteriora e a materialidade se esvai, permanecendo o espírito, que é fortificado e alimentado pela filosofia. Somente o ignorante acredita que se houver vida após a morte, o espírito permanecerá ligado ao corpo (Chauí, 2010).

É possível que a preocupação com o corpo decorra da banalização a ele atribuída durante este período. Algumas situações em que o corpo estava inserido, seus costumes e comportamentos não eram considerados condizentes com a ética romana e, nesse sentido, deveriam ser modificados. Acrescenta-se a discussão, a prerrogativa de que o corpo não educado, cheio de vícios e problemas, portanto indisciplinado, representa uma doença causada em especial pela paixão. Esse enfermo é inclinado a afetar e afligir o espírito do homem. Desse modo, também se comprehende o caráter sensível do espírito, que é capaz de captar as até mesmo falhas mais sutis cometidas pelo corpo. Reside, porém, um problema nesses deslizes do corpo: eles comprometem a capacidade do homem para raciocinar e discernir sobre a melhor maneira possível de se viver.

Para Cícero, o espírito é acometido pelos problemas do corpo que impedem o homem de cumprir com sua finalidade principal: encontrar a felicidade. Nesse sentido, as discussões a respeito do corpo apresentadas pelo filósofo latino, são permeadas por seu apreço ao desenvolvimento da filosofia, enquanto remédio a todos os males, e por sua grande sensibilidade ante a dor humana (Bortolanza, 2014). Ambos os aspectos são indissociáveis para compreender a educação do corpo na cultura clássica, é necessário à sensibilidade do espírito para captar as nuances desse corpo doente, e utilizar o desenvolvimento da filosofia como cura, ou uma espécie de remédio para tratá-lo. Ora, o distanciamento da razão e das coisas naturais ao homem, torna-se um mal considerável para Cícero, portanto o corpo não deve colaborar com este processo.

Na perspectiva de que o homem é formado por corpo e alma/espírito, e que diante dessa característica tanto um quanto o outro merecem atenção, pois são complementares, Cícero analisa que os romanos se ocuparam com os modos de cuidar e proteger o corpo, denominado de ‘técnica’, e que no corpo, pelo menos em sua utilidade para a civilização antiga, existe uma raiz divina. Cícero acredita que o tratamento do espírito, em relação ao corpo, encontra-se em desvantagem:

Penso, Bruto, qual seria a causa pela qual, já que somos formados por espírito e corpo, se procure a técnica de cuidar e de proteger o corpo e sua utilidade seja atribuída à invenção dos deuses imortais, enquanto o tratamento do espírito não foi tão desejado, antes de ser encontrado, nem tão desenvolvido, depois de ser descoberto, nem tão aceito e aprovado por muitos, como ainda sob desconfiança e mal visto por muitos? Ou

por que atribuímos ao espírito o peso e a dor do corpo, não sentimos no espírito a enfermidade do corpo? Desse modo acontece que o próprio espírito então julgue sobre si, quando o mesmo corpo, pelo que é julgado, adoeça.” (III, I, 1 *Disc. Tusc.*).

Ao refletir, Cícero apresenta uma série de indagações a respeito do corpo e da filosofia. Ele sinaliza que a raiz divina do corpo, reside especialmente em sua utilidade. Para os romanos, essa era uma característica importante, tendo em vista que útil é o que auxilia a autoconservação e a conservação dos laços com os outros homens (Chauí, 2010). A utilidade reúne aspectos valorizados pelo senso prático dos romanos, conserva tradições e insere o homem na vida social. Por isso o corpo foi concebido pelos deuses e serviu aos romanos para conquistar soberania sobre outros povos.

Em certo sentido, essa situação pode soar como natural em uma civilização marcada e reconhecida pelas guerras e conflitos físicos. O apreço pelo corpo, que era considerado como obra divina, faz parte do imaginário dos romanos; por ser considerado divino, sua utilidade também deve estar à altura, ainda mais quando se acredita que os deuses imortais distribuíram as almas em corpos de homens para ajudar estes a imitarem a ordem celeste, escolhendo a firmeza moral e o espírito de moderação (Saber Envlh, 1997). Nessa situação se insere a educação do corpo. Os homens se encontravam pouco preocupados com o espírito/alma e ainda menos com a moderação nas suas ações, isso culmina para que neste momento exista certa banalização do corpo na cidade de Roma.

No entanto, Cícero demarca que não se trata apenas do corpo: “somos formados por espírito”. Esse espírito, embora indigesto, desconsiderado e pouco popular entre os romanos do I a.C., fato que incomoda Cícero ou ao menos produz nele certo sentimento de indignação, é também uma via para a vida boa, sendo capaz de conduzir o homem a viver melhor, pois o permite entrar em contato com a filosofia e desenvolver a sabedoria. Ora, o filósofo latino comprehende que a filosofia é necessária ao homem; é o que impede de cair em desonra e a partir de sua prática, suportam-se as perturbações (Carreiro, 2019), sobretudo as do corpo. Além disso, é importante ressaltar que para pensar a filosofia durante o I a.C. Cícero olha para o corpo, e utiliza seus comportamentos particulares como referência para o desenvolvimento da sabedoria no homem romano.

A discussão proposta por Cícero aborda uma relação entre a educação desse corpo “divino” com a produção da sabedoria por parte do espírito. O corpo que se encontra doente/enfermo, considerado banalizado, fútil, e ainda não educado segundo a disciplina, é sentido também pelo espírito do homem e isso afeta potencialmente sua capacidade de raciocinar, por isso é necessário educá-lo para que, nesse sentido, o corpo não incomode o desenvolvimento da sabedoria. Na qualidade de discípulo de Panécioⁱⁱ e Posidónioⁱⁱⁱ, Cícero considera que a alma é constituída por duas partes: irracional e racional. De fato, a parte irracional, é voltada para a busca do prazer e cede facilmente aos instintos e apetites do corpo, precisando ser dominada e governada pela parte viril, a razão (Chauí, 2010). A razão desenvolvida por meio da filosofia alimenta o espírito do homem e o torna capaz de promover a educação do corpo, disciplinando-o, em especial, para conquistar o autodomínio de suas paixões, desejos e prazeres.

Marilena Chauí (2010, p.246) analisa que são duas as principais doenças que podem acometer o espírito/alma do romano nos tempos de Cícero: a *aegritudo* e a *cupiditas*: “A primeira é a dor ou o sofrimento que devora e dilacera a alma; a segunda, o apetite imoderado, a tendência natural à autoconservação que perdeu a medida”. Esses dois fundamentos são argumentos pertinentes na educação do corpo apresentada por Cícero. O filósofo eclético combate justamente esta carência de autodomínio, em

especial, sobre o corpo que leva o homem a perder o controle sobre os vícios, desejos e paixões. Por efeito de tais aspectos, Cícero reitera que a geração em que faz parte é pouco propensa a filosofia e assim nada proveitosa para o desenvolvimento da sabedoria. Em certo sentido, Cícero também enfrenta resistência dos antigos, tanto dos mestres responsáveis pela educação acadêmica e pública dos romanos, quanto dos pais que procuram promover e optar por outros aspectos para a educação de sua *gens*: “Mas logo fomos entregues aos pais, depois aos mestres, então somos impregnados de vários erros de tal modo que a verdade ceda à vaidade e à conjectura confirmada pela mesma natureza”. (III, I, 2 *Disc. Tusc.*).

Entretanto, Cícero não exemplifica quais são os erros e vícios acometidos ou os relaciona diretamente com a educação do corpo, apenas recorda sua existência além de sua associação com a vaidade. A palavra vaidade utilizada por Cícero advém do termo ‘vanitati’, que pressupõem algo vazio e vã. Mas, como verificado anteriormente, o que era muito explorado e procurado pelos romanos, em oposição à sabedoria, eram os cuidados com o corpo. Desse modo, Cícero introduz a ideia de que nem mesmo as realizações materiais, como por exemplo, a fama popular, honras e poderes, são garantidoras de uma vida boa/feliz, a única e principal saída apontada reside na sabedoria, que perpassa diretamente pela educação do corpo:

Mas aquela fama popular, temerária, irrefletida e ordinariamente enaltecedora dos crimes e dos vícios, que quer ser imitadora dessa glória, corrompe sua aparência e sua beleza pela simulação de honestidade. Devido a essa cegueira, alguns homens, embora desejassesem algo até nobre, e o desconhecessem, não sabendo nem onde estivesse nem qual fosse, arruinaram suas comunidades, e outros destruíram a si mesmos. E mesmo esses, que buscam o melhor, são enganados não tanto pela vontade mas pelo desvio do percurso. Por quê? Os que são levados pela cobiça, os que o são pelo desejo dos prazeres, e cujos espíritos são de tal modo perturbados que não ficam muito distantes da loucura, o que acontece a todos os insensatos, não se lhes deve oferecer nenhum tratamento? Por ventura, por que as doenças do espírito prejudiquem menos que as do corpo, ou por que os corpos possam ser tratados, não haja nenhum remédio para os espíritos?”. (III, II, 4 *Disc. Tusc.*).

A ideia apresentada por Cícero comprehende a felicidade, como algo alheio à materialidade. Por sua vez, essa felicidade reside na tranquilidade de um espírito capaz de refletir da melhor maneira possível sobre como viver bem; além disso, ela possui um caráter norteador ao homem e assim produz determinado sentido existencial durante a trajetória de sua vida na terra. Ainda, a felicidade permite ao homem almejar coisas nobres, conhecer suas motivações e também se conhecer; em certo sentido, o homem torna-se completo e por isso é possível considerar que ela detém determinada função edificadora na civilização romana antiga, garantindo seu desenvolvimento no âmbito particular e também coletivo.

Nessa perspectiva, se comprehende que o espírito/alma não deve de forma alguma ser perturbado, especialmente por fatores atribuídos ao corpo. Desse modo, a análise que Cícero apresenta sobre o homem e suas inclinações para os desejos ganha força. Cícero aponta que o homem é inclinado a ceder pelo desejo, seja de bens e honras, seja de prazeres, portanto trata-se de um corpo que deseja. No entanto, para Cícero, este corpo não deseja coisas agradáveis ao espírito, e, de maneira contrária, perturba-o, impossibilitando o homem de refletir da melhor maneira possível, produzindo uma comoção do ânimo contrária à reta razão (Chauí, 2010). Por este motivo, justifica-se a presença da doença/enfermidade entre os romanos, bem como a parcela do corpo neste processo.

Destaca-se ainda a questão apresentada por Cícero a respeito dos prazeres. Em certo sentido, para o filósofo latino existe uma maneira boa de utilizar a volúpia, Cícero

analisa tal aspecto na vida do homem e aprofunda essa discussão especialmente sobre o prazer sexual considerado como a “pior calamidade”. Esse debate não é exclusividade de Cícero, o próprio atribui essa reflexão a Arquitas de Tarento^{iv}, o que nos auxilia na compreensão de que a discussão sobre prazeres sexuais, terem potencial nocivo ao homem, já existia por volta do século IV a.C. O que se coloca na ordem do dia é a recorrência de Cícero por esse argumento ao utilizá-lo em um momento onde o corpo se encontrava em apuros. Acrescenta-se a discussão, que a busca desenfreada pela volúpia remete a uma paixão possessiva, sem controle e de difícil domínio (*Saber Envlh*, 1997). O prazer, então, é tido como algo ruim e nocivo ao homem, que jamais poderá basear sua conduta moral neste aspecto (Beltrão, 2020), especialmente porque ele contribui para que o homem perca o controle e o domínio sobre si, bem como sobre seu corpo, comprometendo sua racionalidade.

Cícero fundamenta este argumento ao utilizar exemplos e justificativas racionais do cotidiano romano, como a exclusão de Lúcio Flaminino^v do Senado por ser convencido por uma prostituta a decapitar um prisioneiro. Essas situações em que o corpo estava inserido expressam que a busca e o prazer sexual comprometem setores da civilização, sendo responsável por grande parte das traições nas relações sociais que levam a crises nos Estados: “Não há um crime, uma prevaricação que a concupiscência não possa inspirar. É por causa dela que se cometem violações, adultérios e outras torpezas.” (*Saber Envlh*, 1997, p.12). Nessa perspectiva, Cícero propõe um diálogo interessante: a partir do tratamento das doenças do corpo, se comprehende a existência das doenças da alma/espírito, por isso torna-se preciso cuidar desse corpo mesmo que seja fonte de desejos. Todavia, também é necessário cuidar do espírito, utilizando a filosofia como espécie de combustível para o possível tratamento, visto que a filosofia é, seguramente, o remédio do espírito e seu auxílio deve ser obtido com todos os recursos e forças (III, V, 6 *Disc. Tusc.*).

Em certo sentido, Cícero analisa que acalmar os desejos do corpo do homem torna-se uma prerrogativa viável e necessária. Grosso modo, o ideal seria o homem não desejar, sem desejo, não há frustração: logo, é preferível não desejar (*Saber Envlh*, 1997), mas tal aspecto é impossível ao homem. Assim, a empreitada de Cícero, se contenta em ao menos apaziguar essa circunstância em que o desejo do corpo se torna nocivo aos romanos. Essa preocupação em desenvolver a sabedoria para “curar” o homem romano resulta em cuidados com o corpo. Cícero acredita que a sabedoria, quando adquirida pelo homem, é dotada da capacidade de aliviar enfermos, além disso, destacam-se especialmente duas situações: a fuga de pensar nos incômodos e o chamado para reparar nos prazeres (III, XV, 33 *Disc. Tusc.*). O filósofo latino justifica esse processo ao descrever que o espírito encontra-se na condição de seguidor da razão, de modo que a “razão-guia”, a princípio, deve ser prudente e sensata, sobretudo, pois, ela veta concentrar-se nos incômodos, dissipar os pensamentos desagradáveis e constrói uma linha de batalha rígida contra o remoer das misérias (III, XV, 33 *Disc. Tusc.*).

O argumento de Cícero é adornado pela cultura militar, demasiadamente apreciada e incrustada na tradição e nos valores do homem romano (Tolfo, 2017). Salienta-se que para Cícero, havia confrontos entre duas potências contidas no homem: de um lado a razão e de outro as infelicidades que acometem o corpo e o espírito. Cícero ainda explica o motivo do triunfo da razão; que reside na sua capacidade de estimular, com todo empenho, o homem a saborear vários prazeres, tanto pela lembrança dos passados como pela esperança dos que virão (cf. III, XV, 33 *Disc. Tusc.*). Para o filósofo latino, a educação do corpo não constitui um problema moral, por isso ele não busca estabelecer um conjunto de valores ou comportamentos a serem seguidos tendo em vista as relações sociais dos homens em Roma. Desse modo, a moral

ciceroniana é pautada na ação, honestidade e, sobretudo, é fruto da razão (Jardim, 2016), enquanto que o corpo se comporta de maneira contrária a isso, se revelando como uma enfermidade, doença ou empecilho que afeta negativamente o desenvolvimento da sabedoria.

De alguma forma, a ideia apresentada por Cícero corresponde ao fato de que o corpo deve caminhar junto ao espírito/alma, de modo que nenhum possa vir a adoecer, pois o mais sutil problema detém potencial para desandar a vida do homem. Nessa perspectiva, é possível compreender que Cícero reprime e não aprova a enfermidade que afeta os homens durante o I a.C, o filósofo latino demonstra certo desgosto, por tratar-se de algo nocivo à vida e ao homem. Assim, ele chega a declarar que, com todo esforço, é preciso fugir dela com “velas e remos”, pois se trata de algo sombrio, miserável e detestável (cf. III, XI, 25 *Disc. Tusc.*). Nesse sentido, se analisa que a educação do corpo deve ser voltada para a disciplina, em especial, na busca por manter o homem distante dos desejos maléficos ao espírito, assegurando seu desempenho enquanto ser que anseia pela sabedoria. Por isso, a filosofia se apresenta como um estudo necessário para a formação moral e a conduta de vida do cidadão romano (Jardim, 2016), somente por intermédio dela que o homem se torna capaz de encontrar o autodomínio sobre si, seus prazeres, reflexões e sobre seu corpo.

O Tratamento do Corpo

Cícero apresenta a hipótese de que esta doença também é capaz de despertar outras inquietações no homem, sobretudo no seu espírito/alma, como exemplo são citados os receios e as paixões. Para o filósofo latino, tal cenário é possível devido à sensibilidade que o espírito/alma possui em se comover com alterações sutis do comportamento do homem. Cícero ainda conclui que tanto o espírito/alma quanto o corpo, não devem aproximar-se do estado de perturbação, especialmente, para que o homem possa cumprir sua finalidade de vida: ser feliz (cf. III, IV, 7-9 *Disc. Tusc.*).

A partir desse momento, a educação do corpo, auxiliada pelo desenvolvimento da sabedoria, contribui com duas parcelas importantes na formação do homem romano: a capacidade de cuidar do espírito/alma e a possibilidade de contribuir para que esse espírito/alma não adoeça. Ao se referir às expressões contidas na língua latina, Cícero, expõe que de acordo com a sensibilidade do espírito/alma, e aquilo que o homem é capaz de projetar em forma de sentimento, ele pode perder o domínio sob as ações de seu próprio corpo e, portanto e sobre as paixões que nele habita. Trata-se de uma preocupação com a moderação nas ações e também com o autodomínio do homem sobre seu corpo:

Por isso, nada é melhor do que aquilo que consta no uso da língua latina, quando dizemos terem perdido o controle os que são levados sem freios pela paixão ou pela ira – embora a mesma ira seja parte da paixão, pois é definida do seguinte modo: a ira é a paixão da vingança – portanto, dos que se afirma terem perdido o controle, afirma-se precisamente por não estarem sob o domínio da mente, à qual foi entregue pela natureza o controle total do espírito.”. (III, V, 11 *Disc. Tusc.*).

Ao definir e utilizar como exemplo a ira, Cícero aponta uma situação embaraçosa ao homem romano; esse embaraço reside na falta de domínio sobre o corpo e pode ser compreendido como uma espécie de descontrole capaz de governar o homem. As ações de um homem governado pela carência de espírito/alma remontam para situações extremas. A princípio, essas ações são potencialmente perigosas ao, sobretudo, para espírito/alma, por possuírem o potencial para controlá-lo; o ideal seria que ocorresse o oposto. Ademais, os homens acometidos por essa falta de domínio são capazes de admiti-la; portanto, reconhecem que suas ações indicam pouca

qualidade de espírito/alma, além de serem considerados fracos e incapazes de auxiliar no controle do corpo.

Além disso, Cícero apresenta a ideia de que no espírito/alma do homem há espaço para certa vulnerabilidade com relação às enfermidades que possam atacar seu corpo. O filósofo latino recorda que a enfermidade é capaz de agitar e estremecer o espírito humano, pois existe nos espíritos algo tenro e delicado, que é sacudido pela enfermidade como pela tormenta (III, VI, 12 *Disc. Tusc.*). A alma/espírito é delicada, no sentido de ser algo sensível e frágil. O homem, enquanto ser passível de enfermos, deve se atentar e prevenir para que não fique doente, porque a doença é capaz de devastar a alma/espírito humano. No entanto, caso a enfermidade o acometa, existe uma maneira de conceber ao homem tratamento apropriado a seu corpo e alma/espírito. Cícero aponta que o remédio é a filosofia, por isso torna-se impossível chegar ao fim dos males sem o desenvolvimento da filosofia (cf. III, VI, 13 *Disc. Tusc.*).

Ao analisar a educação do corpo dos romanos, é possível compreender que Cícero procura utilizar a razão como forma de orientar os homens nesse processo. A preocupação em disciplinar o corpo, na busca por distanciá-lo de seus vícios, paixões e desejos, para que ele não venha adoecer, é desenvolvida pela razão. Cícero argumenta que o uso desta razão deve ser incisivo, forte e energético. De certo modo, o filósofo latino fundamenta suas reflexões na cultura clássica antiga, ao criticar a “confusão” dos estoicos e a “não aprovação” dos peripatéticos, ele formula seus argumentos:

Tais afirmações são ditas pelos estoicos e concluídas de modo confuso. Às vezes, porém, devem ser ditas de modo mais abrangente e amplo; contudo, devem ser usadas, sobretudo, as afirmações daqueles que usam a razão e a palavra particularmente de modo incisivo e, para eu assim dizer, viril. Pois os peripatéticos, nossos amigos, para os quais nada há de mais produtivo, de mais eruditó e demais sério, não me comprovam totalmente as medidas seja das perturbações seja das enfermidades do espírito. Pois todo mal, ainda que pequeno, é um mal. Mas nós o tratamos de modo que seja absolutamente nulo no sábio. Pois, como o corpo, ainda que medianamente enfermo, não é sadio, assim esse meio termo no espírito indica falta de saúde. Por isso, os nossos, com muita exatidão como muitas outras questões, denominaram doenças a inquietação, a solicitude e a angústia pela semelhança com os corpos doentes.”. (III, X, 22 *Disc. Tusc.*).

Cícero analisa que os estoicos se preocupam em manter o espírito/alma e também o corpo de modo sadio, mas que não são muito precisos no momento de concluir suas ideias, enquanto que, por outro lado, os peripatéticos não o convencem. É válido ressaltar, que durante este período a doutrina dos estoicos assume fortes tons religiosos, em conformidade com o espírito/alma e as aspirações dos novos tempos (Reale e Antiseri, 1990). Assim, de acordo com Cícero, a formação do homem romano, com relação ao corpo, deve ser completa, no sentido de sua totalidade; qualquer resquício que contribua para o desenvolvimento da enfermidade poderia comprometer a educação do homem. Nesse sentido, o compromisso com o corpo e com o espírito precisa ser frequente, diante dos problemas vigentes na civilização ocidental e que se relacionam com a vida do homem.

Desse modo, a perturbação do espírito/alma e a angústia a ele causada são consideradas entraves para sua formação durante o I a.C. Tal cenário deve ser evitado a qualquer custo. Nesse momento, Cícero ainda demarca que a educação do corpo não se trata de um problema moral: “a enfermidade do espírito é muito semelhante à dos corpos enfermos, mas ao contrário o desejo sensual não se assemelha à enfermidade” (III, X, 23 *Disc. Tusc.*). Dessa maneira, o corpo se apresenta para os romanos como uma espécie de referência ao espírito/alma e, como ambos possuem

um vínculo significativo, a enfermidade no espírito/alma não possui designação desvinculada da dor (III, X, 23 *Disc. Tusc.*), de modo que quando estão saudáveis, o homem tende a viver e conviver da melhor maneira possível. Cícero assinala que todo esse processo é chancelado pelo uso da razão, uma vez que a origem dessa dor deve ser explicada por nós, ou seja, a causa eficiente da enfermidade do espírito como a do corpo (III, X, 23 *Disc. Tusc.*).

Em suma, as situações de crise em Roma, onde o corpo estava inserido, atrelado ao descuido com o próprio corpo e o pouco apreço com a moderação das ações na civilização antiga, colaborou para alargar o distanciamento entre homem e a sabedoria. Tal aspecto, portanto, afastou os romanos de cumprir sua finalidade de encontrar a felicidade e viver bem de acordo com as premissas de Cícero. O romano distante da filosofia se encontra doente, por isso que nesse sentido a filosofia assume, assim, o caráter terapêutico (Carreiro, 2019), ela, sobretudo, era a garantia de uma existência feliz e tranquila, pois apresentou-se como único caminho que o homem poderia seguir para manter-se isento das perturbações da vida material e do quadro social que estava submetido nesse momento histórico (Melo, 2015).

Durante o I a.C., no imaginário dos romanos estava estabelecido que homem era formado tanto por corpo quanto por espírito/alma, essa duplicidade é sentida na formação dos homens, uma vez que tende a inspirar cuidados e preocupações para ambas as partes que compõem o romano. No entanto, essa possibilidade do corpo e do espírito/alma receberem atenções idênticas, tendo em vista a construção de uma formação sólida, não se realizava. Nesse sentido, Cícero apresenta uma ideia voltada para este aspecto, em sua perspectiva, os romanos possuem mais apreço pelas coisas relacionadas ao corpo, algo que incomoda Cícero, sobretudo, pois se torna pouco proveitoso para a produção da sabedoria e também da filosofia. Por isso, a proposta é de que o homem não deve se preocupar somente com os problemas de ordem física que afetam seu corpo. De maneira contrária, Cícero orienta que o homem deve tratar os problemas de espírito/alma com igual relevância aos do corpo, a preocupação com ambos é importante. Em certo sentido, aquilo que ele coloca na ordem do dia é que os romanos, justamente por não se atentarem aos problemas de ordem espiritual, se encontram doentes desse espírito: “É tempo, porém, de atentar não menos para as doenças dos espíritos que para as dos corpos” (III, XXXI, 76 *Disc. Tusc.*).

Conclusão

Em conclusão, para o término deste estudo destaca-se que a análise da obra de Cícero, em especial, as *Discussões Tusculanas*, quando realizada por meio da história, permite compreender as transformações sociais que o Ocidente romano estava passando naquele momento. Nesse sentido, ao analisar as reflexões a respeito do desenvolvimento da sabedoria e também da filosofia latina, apresentadas por Cícero, foi possível compreender novas orientações relacionadas ao corpo.

Em sua obra, o filósofo latino apresenta uma alternativa para a formação do homem e para sua educação do corpo. Cícero considera que para o homem romano, esse corpo que deseja e tende a seguir paixões e vícios, deve ser tratado de maneira singular e receber uma educação que desenvolva a sabedoria. Desse modo, ao reconhecer a falta de domínio sobre o corpo, os romanos abrem um precedente para poder educá-lo em favor do desenvolvimento do espírito, disciplinando o corpo para controlar suas ações, vícios, desejos e paixões.

Além disso, outro recurso importante a retirar deste estudo, consiste em evidenciar os movimentos da história como condição fundamental de compreensão da própria

história. Nesse sentido, ampliamos nossos horizontes atuais e podemos entender nosso tempo, só assim a história poderá nos conceder exemplos para ampliar nossa visão a respeito do momento em que estamos inseridos e dos problemas das quais vivenciamos.

Notas

ⁱ *Lucius Junius Brutus* (545 - 509 a.C.) lendária figura da história romana. Foi um dos primeiros cônsules e pode ser considerado como fundador da República. Era sobrinho do rei Tarquínio Soberbo. Fingiu ser debilóide, a fim de conseguir seu intento sem despertar suspeitas: derrubar a monarquia tirânica e implantar a liberdade. Ver: BORTOLANZA, João. Notas. In: *Discussões Tusculanas* (Marco Túlio Cícero). Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014. Nota 126, pp. 520.

ⁱⁱ Panécio de Rodes (185 – 110 a.C.) foi um filósofo estoico e importante representante do médio estoicismo.

ⁱⁱⁱ Posidónio de Apameia (130/140? – 51 a.C.) foi um filósofo estoico e discípulo de Panécio. Encontrou-se diversas vezes com Cícero.

^{iv} Arquitas de Tarento (428-347 a.C.) foi um polímata grego com destaque para seu desenvolvimento nos campos da matemática.

^v Lúcio Quíncio Flaminino (229-174 a.C.) foi um político da república romana, eleito cônsul em 192 a.C.

Referencias

- Anderson, P. (2016). *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. (Renato Prelorentzou. Trad.), Editora: UNESP.
- Beltrão, C. (2020). Construindo a filosofia “clássica”: Cícero e o epicurismo. *Revista Archai*, Brasília, 30, e03012.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Zahar.
- Bortolanza, J. (2014). Prefácio. In: Cícero. *Discussões Tusculanas*. (Bruno F. Bassetto. Trad.), EDUFU.
- Burke, P. (2002). *História e teoria social*. (Klauss B. Gerhardt e Roneide V. Majer. Trad.), Editora UNESP.
- Carreiro, Z. C. D. (2019). *Virtus, prima inter pares*: a ética estoica em Cícero e a proposta de identidade filosófica em tusculanae disputationes. Tese (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Chauí, M. (2010). Cícero: a filosofia fala latim. In: *Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas*, volume. II. Companhia das Letras (pp. 221-252).
- Cícero. (2014). *Discussões Tusculanas* (Marco Túlio Cícero). (Bruno F. Bassetto. Trad.), EDUFU.
- De Sá, M. E. B. (2014). O ecletismo no *De Officiis*, de Cícero. *Mundo Antigo*, 3, (pp. 145-156).
- Grimal, P. (2009). *A civilização romana*. (Isabel S. Aubyn. Trad.). Edições 70.
- Grimal, P. (2011). *História de Roma*. (Maria L. Loureiro. Trad.). São Paulo: Editora UNESP.
- Jardim, M. L. (2016). *Marco Túlio Cícero: uma nova proposta para a formação do orador*. Tese (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá.

-
- Kenny, A. (1998). Roma e seu Império. In: *História concisa da filosofia ocidental*. (Desidério Murcho. Trad.). Temas e Debates, (pp. 138-140).
- Lima, V. V. (2010). *A revolta de Sertório e a crise republicana do século I a.C:* Uma visão das práticas de dominação imperialista romana nas Hispâncias. Dissertação (Mestrado em História Antiga e Medieval), Universidade Federal Fluminense.
- Medeiros, M. C. (2019). Entre a crise política e a crise moral de finais da república romana (I a.C.): fronteiras entre o discurso e o real. *GAIA*, 10 (pp. 172-188).
- Reale, G. e Antiseri, D.. (1990). O pensamento filosófico na época helenística. In: *História da filosofia: antiguidade e idade média*, volume I. Paulus, (pp. 227-298).
- Ribeiro, D. V. (1977). Cícero, o senado e o sim da república romana. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, 45, (pp. 314-324).
- Tolfo, T. (2017). Considerações sobre a República Romana na obra *De Res Publica* de Marco Túlio Cícero. *Revista Expedições*, 8 (3), (pp. 146-158).